

VIOLÊNCIA FÍSICA, ABUSO VERBAL E ASSÉDIO SEXUAL SOFRIDOS POR ENFERMEIROS DO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

Aline Coutinho Sento Sé¹

William César Alves Machado¹

Paulo Sérgio da Silva²

Joanir Pereira Passos¹

Sílvia Teresa Carvalho de Araújo³

Teresa Tonini¹

Raquel Calado da Silva Gonçalves¹

Nébia Maria Almeida de Figueiredo¹

<http://orcid.org/0000-0001-9301-0379>

<http://orcid.org/0000-0002-2880-0144>

<http://orcid.org/0000-0003-2746-2531>

<http://orcid.org/0000-0002-6880-4545>

<http://orcid.org/0000-0002-2137-7830>

<http://orcid.org/0000-0002-5253-2485>

<http://orcid.org/0000-0003-0158-5031>

<http://orcid.org/0000-0003-0880-687X>

Objetivo: Identificar os tipos de violência sofridos pelos enfermeiros do APH móvel. **Métodos:** Estudo descritivo. A coleta de dados ocorreu de julho a setembro de 2018, em unidades de atendimento pré-hospitalar, no município do Rio de Janeiro. Utilizou-se questionário contendo perguntas sobre violência no trabalho, respondidos por 67 enfermeiros. Os dados foram analisados a partir de frequências absolutas e relativas. **Resultados:** Identificou-se que 49,2% (n=33) dos participantes sofreram violência física, 86,6% (n=58) abuso verbal e 16,4% (n=11) assédio sexual no ambiente de trabalho. Destacaram-se como autores das violências pacientes e seus familiares, público em geral, superior hierárquico, colegas de trabalho, funcionários de serviços de apoio e traficantes. As violências ocorreram nas vias públicas, residências, comunidades, interior das ambulâncias e bases de atendimento pré-hospitalar. Evidenciou-se predomínio das agressões verbais durante as atividades laborais. **Conclusão:** Faz-se urgente a discussão sobre o fenômeno da violência com a participação de gestores e profissionais para a elaboração de programas institucionais que reconheçam a periculosidade do trabalho pré-hospitalar. Assim como a sensibilização da sociedade, conselhos e sindicatos de classe e órgãos responsáveis voltados à saúde do trabalhador para proteção contra a violência e promoção de um ambiente laboral saudável.

Descritores: Violência no trabalho; Atendimento pré-hospitalar; Enfermeiras e enfermeiros; Saúde do trabalhador.

PHYSICAL VIOLENCE, VERBAL ABUSE AND SEXUAL HARASSMENT SUFFERED BY PRE-HOSPITAL CARE NURSES

Objective: Identify the types of violence suffered by nurses working in mobile pre-hospital care. **Methods:** Descriptive study. Data collection took place from July to September 2018, in pre-hospital care units, in the city of Rio de Janeiro. A questionnaire containing questions about violence at work was used, answered by 67 nurses. The data were analyzed using absolute and relative frequencies. **Results:** It was identified that 49.2% (n = 33) of the participants suffered physical violence, 86.6% (n = 58) verbal abuse and 16.4% (n = 11) sexual harassment in the workplace. Patients and their families, the general public, superiors, coworkers, support service employees and traffickers stood out as authors of the violence. Violences occurred on public roads, homes, communities, inside ambulances and bases for pre-hospital care. There was a predominance of verbal aggressions during work activities. **Conclusion:** There is an urgent discussion on the phenomenon of violence with the participation of managers and professionals for the development of institutional programs that recognize the dangerousness of pre-hospital work. As well as sensitizing society, class councils, unions, and responsible bodies focused on workers' health to protect against violence and promote a healthy work environment.

Descriptors: Workplace violence; Pre-hospital care; Nurses; Worker's health.

VIOLENCIA FÍSICA, ABUSO VERBAL Y ACOSO SEXUAL SUFRIDO POR ENFERMERAS DE ATENCIÓN PREHOSPITALARIA

Objetivo: Identificar los tipos de violencia que sufren los enfermeros que laboran en la atención prehospitalaria móvil. **Métodos:** Estudio descriptivo. La recolección de datos se realizó de julio a septiembre de 2018, en unidades de atención prehospitalaria, en la ciudad de Río de Janeiro. Se utilizó un cuestionario con preguntas sobre violencia en el trabajo, respondido por 67 enfermeras. Los datos se analizaron utilizando frecuencias absolutas y relativas. **Resultados:** Se identificó que el 49,2% (n = 33) de los participantes sufrió violencia física, el 86,6% (n = 58) abuso verbal y el 16,4% (n = 11) acoso sexual en el lugar de trabajo. Destacaron como autores de actos de violencia contra pacientes y sus familias, público en general, superiores jerárquicos, compañeros de trabajo, empleados de servicios de apoyo y traficantes. Las violencias ocurrieron en vías públicas, domicilios, comunidades, dentro de ambulancias y bases de atención prehospitalaria. Hubo un predominio de las agresiones verbales durante las actividades laborales. **Conclusión:** Hay una discusión urgente sobre el fenómeno de la violencia con la participación de gestores y profesionales para el desarrollo de programas institucionales que reconozcan la peligrosidad del trabajo prehospitalario. Además de sensibilizar a la sociedad, los consejos de clase y los sindicatos y los órganos responsables se centraron en la salud de los trabajadores para proteger contra la violencia y promover un entorno laboral saludable.

Descritores: Violencia en el trabajo; Atención prehospitalaria; Enfermeras; Salud del trabajador.

¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, DF, Brasil.

²Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil.

³Universidade Federal do Rio de Janeiro, DF, Brasil.

Autor correspondente: Aline Coutinho Sento Sé | E-mail: aline2506@hotmail.com

Conflitos de interesse: Manuscrito extraído parcialmente da tese "Dimensões reais e subjetivas da violência no trabalho dos enfermeiros do atendimento pré-hospitalar móvel", defendida em 2019, no Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Biociências - Doutorado, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Recebido: 25/06/2020 - Aceito: 27/01/2021

INTRODUÇÃO

A violência no serviço do atendimento pré-hospitalar (APH) móvel, considerado relevante problema de saúde pública em escala mundial, com repercussões principalmente na saúde física e mental dos trabalhadores^{1,2}, é vivenciada frequentemente por profissionais que tripulam ambulâncias, assistindo pacientes com diversos tipos de queixas ou agravos à saúde.

Exercido em algumas regiões do Brasil por integrantes de Corpos de Bombeiros, profissionais de saúde do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) ou de empresas privadas, o APH móvel é realizado em ambientes variados, de acordo com a ocorrência de um quadro de emergência e solicitação telefônica^{3,4}. Enfermeiros que atuam nesta área, ao serem acionados para um atendimento, desconhecem o cenário onde estarão inseridos, podendo encontrar riscos camuflados em domicílios, estabelecimentos comerciais e logradouros públicos⁵. Diga-se que estes enfermeiros convivem com o inesperado, e conseqüentemente, estão susceptíveis a diferenciadas formas de violência, tais como: violência física, abuso verbal e assédio sexual⁶.

Evidências científicas atestam que os enfermeiros vivenciam maiores episódios de violência em decorrência do contato direto e constante com os pacientes^{7,8}. Especificamente, as condições de trabalho da enfermagem em serviços de urgência e emergência apresentam riscos para violência física e verbal em virtude da grande carga de estresse, períodos de trabalho excessivos, desvalorização profissional e carência de recursos humanos^{3,9}, gerando insegurança, insatisfação, baixa realização profissional, vontade de abandonar a profissão, medo¹⁰, estresse e comportamentos violentos, afetando os enfermeiros e as pessoas cuidadas¹¹. Assim como, custos com tratamentos de saúde e acidentes de trabalho^{12,13}.

Baseado nessas acepções, esta investigação apresenta o seguinte objetivo: identificar os tipos de violência sofridos pelos enfermeiros do APH móvel.

MÉTODOS

Trata-se de estudo transversal, descritivo, realizado com enfermeiros de um serviço de atendimento pré-hospitalar móvel, no município do Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

A pesquisa foi realizada em todas as bases de APH móvel de uma instituição pública, atualmente responsável por atendimentos de urgência e emergência nas vias públicas, residências, comércios, serviços, escolas, locais de prática desportiva, entre outros, no município do Rio de Janeiro e que possuíam ambulância com enfermeiros.

A população foi representada por todos os enfermeiros que atuavam no serviço de APH móvel das unidades investigadas (n=90). Foram excluídos do estudo aqueles que se recusaram a participar (n=13) e que estavam afastados por férias ou licença (n=10). O tempo de atuação no APH móvel inferior há 12 meses tratava-se de um dos critérios de exclusão do estudo, não correspondendo a nenhum participante. A amostra final foi composta por 67 enfermeiros.

Utilizou-se instrumento semiestruturado, orientado por Bordignon e Monteiro¹⁴ para identificação da violência no trabalho sofrida por profissionais de enfermagem. As seções referentes à violência física, abuso verbal e assédio sexual sofreram adaptações para enquadramento no cenário pré-hospitalar.

A primeira adaptação envolveu o trecho "na última vez", que foi retirado das perguntas 3, 4, 5, 7, 20, 21, 23, 24, 36, 37, 39 e 40 com o objetivo de permitir aos participantes o registro de casos ocorridos nos últimos 12 meses. A segunda adaptação agrupou as perguntas 8 e 9; 24 e 25; e 40 e 41 em "O incidente ocorreu aonde?". Já com relação as opções de respostas, substituiu-se "centro de saúde", "outra unidade de pronto atendimento" e "trajeto de trabalho" por "base de atendimento pré-hospitalar", "residência" e "via pública", permanecendo as opções "hospital" e "outros". Na última adaptação do instrumento, as opções referentes à 4ª, 20ª e 36ª respostas, o trecho "chefe e/ou supervisor" foi substituído por "superior", dada a característica do serviço.

A natureza do serviço do APH móvel, com o acionamento dos trabalhadores a qualquer momento para assistir pessoas em emergência, dificulta o contato com o pesquisador. Assim, os instrumentos foram deixados nas unidades de atendimento, em pastas identificadas, contendo o objetivo do estudo, autorização da instituição para a realização da pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e orientações sobre o preenchimento dos instrumentos. Após 15 dias, as pastas foram recolhidas pelos pesquisadores. O processo para coleta de dados compreendeu o período de julho a setembro de 2018.

Para a análise dos dados, as dimensões quantitativas foram organizadas em planilhas do programa Excel versão 365, objetivadas em frequências absolutas e percentuais, e por fim, representadas em gráficos e tabelas.

Foram observados os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Os participantes foram informados sobre o objetivo do estudo e o respeito a recusa e anulação dos dados fornecidos a qualquer momento, sem nenhum prejuízo, através do TCLE. Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade

Federal do Estado do Rio de Janeiro, aprovado pelo CAAE 86207918.0000.5285 e memorando de aprovação da instituição número 2.706.617, de 11 de junho de 2018.

RESULTADOS

Os resultados dispostos a seguir retratam que dos 67 participantes, 11 (16,4%) do sexo masculino e 56 (83,6%) do sexo feminino, 33 (49,2%) sofreram violência física, 58 (86,6%) abuso verbal e 11 (16,4%) assédio sexual no ambiente de trabalho, nos últimos doze meses que antecederam o estudo, com relatos de múltiplas ocorrências, conforme a tabela 1.

Tabela 1. Violência física, abuso verbal e assédio sexual no trabalho sofridos pelos enfermeiros do atendimento pré-hospitalar móvel

Frequência da violência sofrida	Violência física n(%)	Abuso verbal n(%)	Assédio sexual n(%)
1 vez	16(48,5)	6(10,4)	6(54,5)
2 vezes	2(6,1)	9(15,5)	1(9,1)
3 vezes	2(6,1)	2(3,5)	-
4 vezes ou mais	6(18,1)	22(37,9)	2(18,2)
Não recorda	5(15,1)	18(31,0)	2(18,2)
Não informou	2(6,1)	1(1,7)	-
Total	33(100)	58(100)	11(100)

Sobre os agentes protagonistas das violências contra os enfermeiros do APH, destacaram-se nas violências físicas os pacientes, nos abusos verbais os familiares dos pacientes e nos assédios sexuais os pacientes e superiores, como evidenciado no figura 1.

No campo, Outros, foram registrados como autores dos abusos verbais médicos dos hospitais de destino (n=12), chefes de equipe (n=2), maqueiros (n=2), médico regulador (n=1), funcionário da central de regulação (n=1), agente de segurança (n=1), agente de trânsito (n=1) e traficante (n=1). No que diz respeito aos assédios sexuais apareceram como autores médico do hospital de destino (n=1) e agente de segurança (n=1).

Com relação ao sexo dos agressores, na violência física e no assédio sexual houve o predomínio do sexo masculino e no abuso verbal ambos os sexos, conforme apresentado na tabela 2.

As agressões físicas e verbais obtiveram destaque no período noturno (n=23 e n=41), seguidos dos horários da manhã (n=11 e n=26) e tarde (n=10 e n=24), respectivamente. Com relação ao local de ocorrência, aconteceram predominantemente nas vias públicas, conforme o figura 2.

Sobre a notificação da violência no trabalho, dos 33 participantes que informaram o sofrimento de violência física, 23 (69,7%) não registraram ocorrido. Dos 10 que registram o fato, 5 (50%) utilizaram um impresso institucional para anotações pertinentes aos atendimentos, 2 (20%) o livro de ordens e ocorrências, 1 (10%) foi até a delegacia, 1 (10%) ao Instituto Médico Legal e 1 (10%) comunicou à Central de Regulação Médica. Apenas 2 (6,1%) enfermeiros informaram ter recebido auxílio após o episódio de violência física, sendo um pelos próprios colegas da ambulância e o outro não informado.

Dos 58 enfermeiros que sofreram abuso verbal, 48 (82,8%) não registraram o fato. Dos 10 participantes que realizaram algum tipo de registro, 5 (50%) utilizaram o impresso institucional para anotações dos atendimentos, 4 (40%) o livro de ordens e ocorrências e 1 (10%) procedeu

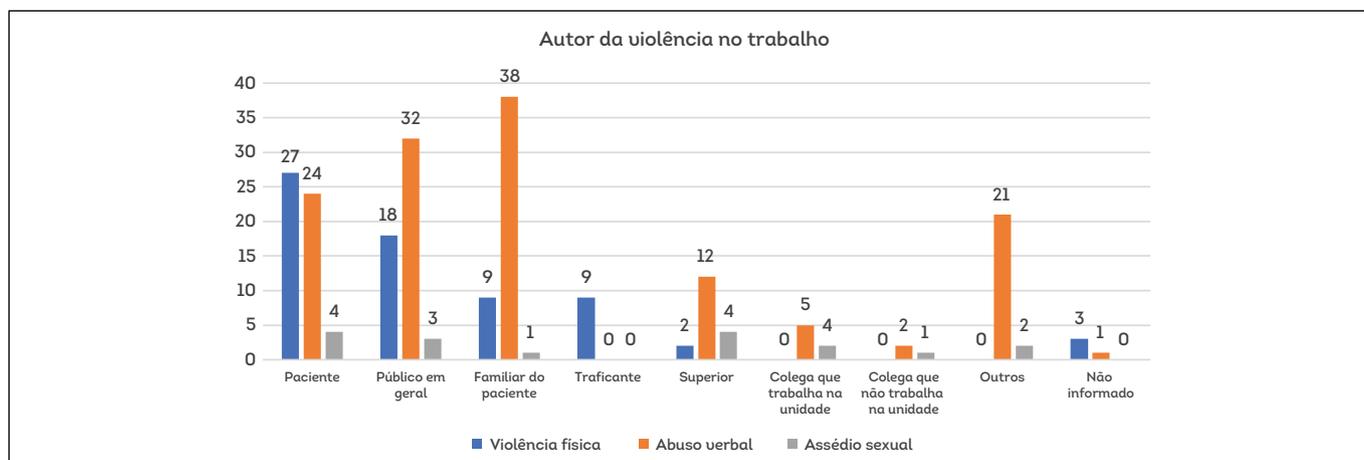


Figura 1. Autor da violência física, abuso verbal e assédio sexual contra os enfermeiros do atendimento pré-hospitalar móvel

Tabela 2. Sexo da vítima e do autor da violência física, abuso verbal e assédio sexual

Vítimas do sexo masculino	Violência física		Abuso verbal		Assédio sexual	
	n = 9	%	n = 10	%	n = 1	%
Homem agredido por mulher	1	11,1	1	10	-	-
Homem agredido por homem	6	66,7	2	20	-	-
Homem agredido por homem e mulher	2	22,2	7	70	1	100
Vítimas do sexo feminino	Violência física		Abuso verbal		Assédio sexual	
	n = 24	%	n = 48	%	n = 10	%
Mulher agredida por mulher	5	20,8	9	18,8	-	-
Mulher agredida por homem	16	66,7	11	22,9	10	100
Mulher agredida por homem e mulher	3	12,5	28	58,3	-	-

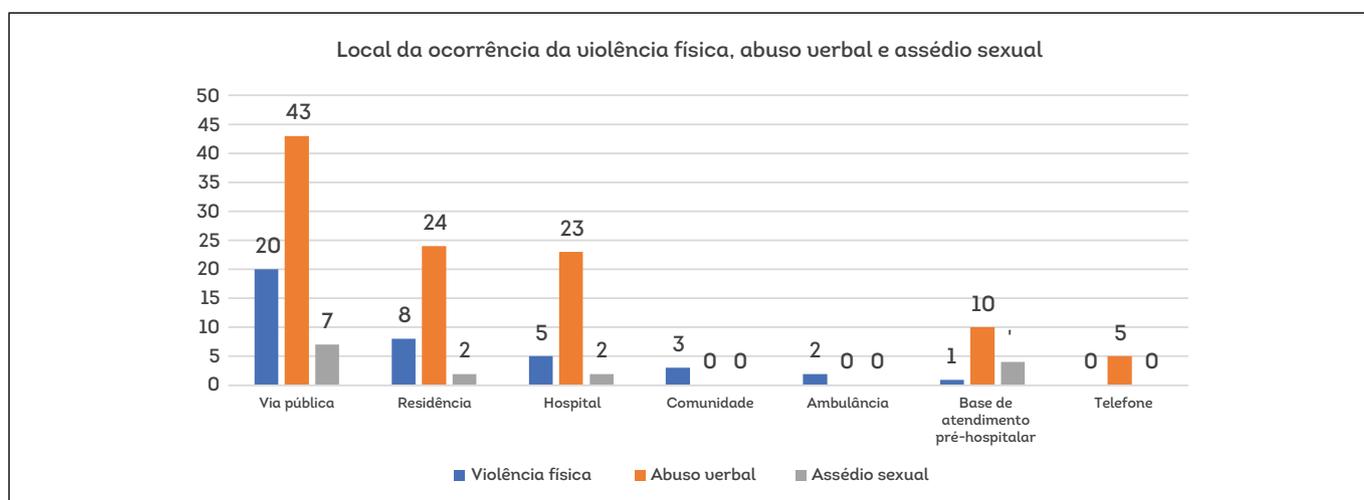


Figura 2. Local de ocorrência da violência física, abuso verbal e assédio sexual contra os enfermeiros do atendimento pré-hospitalar móvel

informação verbal à Central de Regulação Médica. Com relação ao recebimento de auxílio após o incidente, 3 (5,2%) enfermeiros afirmaram ter obtido apoio, sendo da equipe de trabalho, coordenador médico e representante funcional da base de APH.

Por fim, dos 11 enfermeiros que informaram o sofrimento de assédio sexual no trabalho, apenas 1 (9,1%) registrou o ocorrido e nenhum recebeu auxílio.

DISCUSSÃO

Emergiram quantitativamente dos dados três dimensões expressivas a serem consideradas: violência física, abuso verbal e assédio sexual. Trata-se de formas explícitas da violência e como elas afetam os enfermeiros que cuidam de pessoas em situações extremas de vida e morte. Os pacientes, familiares dos pacientes e público em geral foram descritos como os principais agressores, com alta taxa de subnotificação dos casos de violência pelas vítimas

que não receberam apoio institucional, médico e psicológico no ambiente de trabalho.

Os enfermeiros do APH móvel afirmaram ter sido vítimas de violência física, com registros de mais de um episódio. Cabe sublinhar que os agentes provocadores foram os pacientes, público em geral, familiar dos pacientes e traficantes, principalmente do sexo masculino. O APH móvel é uma das atividades exercidas com mais frequência pelos enfermeiros no Brasil, que se deslocam em ambulâncias para prestar assistência a pacientes com as mais variadas etiologias.

A violência física no trabalho trata-se de realidade vivenciada também por profissionais de instituições hospitalares e unidades básicas de saúde com destaque para experiências negativas relacionadas ao gênero, função e setor de trabalho¹⁵, gerando preocupação com a possibilidade de violência ocupacional⁶.

Aponta-se o predomínio de agressores do sexo masculino em unidades de atendimento pré-hospitalar¹⁶ e

intra-hospitalar⁶, com maior probabilidade de agressão física por pacientes sob efeito de substâncias ilícitas ou intoxicação por álcool¹⁶.

Quando comparados a outros profissionais da área da saúde, identifica-se maior frequência de violência física contra enfermeiros e paramédicos. Dados que revelam vulnerabilidade à violência ocupacional pelo longo tempo de permanência com os pacientes e por serem os profissionais que realizam diretamente os cuidados e intervenções de saúde¹¹.

Sobre o local de ocorrência da violência física no pré-hospitalar, ocorreram predominantemente em vias públicas. No entanto, houve relato de casos nas residências, hospitais de referências, comunidades, interior da ambulância e bases de APH. Afirma-se que enfermeiros que atuam em vias públicas sofrem incidentes mais violentos pelos atendimentos em localidades com narcotráfico e alto nível de delinquência¹⁷.

A interação com os pacientes^{8,18}, forma utilizada para comunicação, demora na prestação de serviços e cuidados, frustrações dos pacientes com os serviços de saúde, déficit de recursos humanos e insumos insuficientes, tornam-se contribuintes para a ocorrência de violência física no trabalho^{2,19}.

Certamente a discussão sobre os tipos de violências sofridas por enfermeiros do APH convida a pensar nos riscos desencadeantes para a saúde física, mental, bem como nas ameaças à integridade profissional e social provocadas durante o atendimento ao paciente²⁰. Neste particular, o abuso verbal foi o tipo de violência de maior destaque.

Ao todo, 58 (86,6%) enfermeiros informaram ter sido vítimas de abuso verbal nos últimos doze meses que antecederam a coleta de dados. Valores inferiores, mas não menos importante, foram encontrados em estudo realizado com 592 enfermeiras de Gana, onde se obteve registro de abuso verbal por 312 (52,7%) participantes²¹. Assim como, pesquisa realizada com 903 trabalhadores na Itália, com 363 (40,2%) vítimas de agressão verbal¹⁵.

No que tange aos tipos de violência, a literatura aponta maiores registros de abusos verbais quando comparados aos casos de violência física^{6,8,10,21-24}, materializada em gritos, juras, ameaças e uso de expressões depreciativas¹⁰. Diagnóstico preocupante, pois como o abuso verbal não deixa marcas visíveis pode ser banalizado pela vítima, companheiros de equipe, supervisores ou gestores⁸. A cultura do silêncio cronifica sentimentos negativos de medo, tristeza e temor, comprometendo a saúde e favorecendo o desenvolvimento de doenças relacionadas à violência no trabalho.

Sobre a autoria do abuso verbal sofrido pelos enfermeiros do APH, destacaram-se os familiares dos pacientes, público em geral e os próprios pacientes. Dados equivalentes a estudos realizados na Argentina, Itália, Irã, Gâmbia, Jordânia e Chile²⁵⁻²⁷. Foram registrados também abuso verbal por parte de superiores, colegas que trabalhavam na unidade, colegas que não trabalhavam na unidade, médico regulador, médicos dos hospitais de destino, chefes de equipe, maqueiros, membro da central de regulação, agente de segurança, agente de trânsito e traficante.

Com relação ao sexo do agressor e ao sexo da vítima, os trabalhadores tanto femininos quanto masculinos foram mais abusados verbalmente por homens e mulheres, seguido de agressão só por homem e só por mulher. Resultados diferentes aos encontrados na literatura onde predominam agressores masculinos^{6,12,22,28}.

A terceira e última dimensão da violência investigada, diz respeito ao assédio sexual, registrado por 11 (16,4%) enfermeiros, em vias públicas, bases de APH, residências e hospitais, tendo como perpetrador superiores, pacientes, público em geral, colega que trabalhava na unidade, colega que não trabalhava na unidade, familiar do paciente, médico do hospital de destino e agente de segurança. As mulheres informaram ter sido assediadas exclusivamente por homens e o único homem que informou assédio sexual relatou que foi assediado por ambos os sexos.

Pesquisa identificou prevalência de assédio sexual em 12,8% (n=31) de trabalhadores de enfermagem intra-hospitalar, com registros de ocorrências de duas vezes ou mais agressões, em doze meses, por colegas de trabalho, chefes, supervisores, pacientes e familiares de pacientes, principalmente no período noturno⁶. Evidenciou-se em outro estudo que profissionais da área da saúde haviam sofrido mais de três assédios sexuais em um ano²².

Estudo com enfermeiras descreveu falas obscenas, pedidos ilegítimos com comportamento indecente, distância física inadequada de paciente e/ou familiares com toque corporal, exibição de imagens obscenas através de celulares ou laptops durante o cuidado de enfermagem e olhares maliciosos¹³.

Ainda com relação ao assédio sexual, estudo realizado em hospitais públicos da África, sobre a prevalência de violência no local de trabalho, encontrou registro de 72 (12,2%) assédios sexuais sofridos por enfermeiras²¹. Danos psicológicos, estresse pós-traumático, sentimento de impotência, estado de alerta constante, memórias recorrentes dos incidentes, degradação e desejo de deixar a profissão podem ser consequências ao sofrimento de assédio sexual²⁹⁻³¹.

Com relação ao ambiente de trabalho, pesquisa sobre o perfil da Enfermagem no Brasil destacou que 23,9% dos enfermeiros haviam sofrido violência no trabalho e que 70% se sentem desprotegidos no seu ambiente de trabalho por conta da violência instalada. Enfatizando um cenário laboral inseguro, estressante e provocador de medo³².

Sobre registro das violências, evidenciou-se subnotificação de acordo com os dados produzidos pelos participantes. Das violências físicas, somente 30,3% foram registradas, seguida de 17,2% de abusos verbais, e com percentual ainda mais baixo, os assédios sexuais com 9,1%. Valor inferior foi encontrado em estudo realizado no Chile, onde nenhum enfermeiro vítima de violência física notificou o ocorrido, apesar de reconhecerem que existem medidas para denunciar esse tipo de evento no seu local de trabalho¹⁷.

A subnotificação das agressões verbais pode estar relacionada às sentenças legais mais brandas a este tipo de ocorrência, ausência de punições aos agressores, muitas vezes, limitando-se a repreensões verbais. O trabalhador que sofre o abuso entende não valer a pena o registro⁸, e o agressor se sente encorajado e livre para agredir verbalmente à vítima^{17,26}. Somado ao fato de que as lesões ou consequências da violência verbal não são visíveis¹¹ e a percepção variável que os enfermeiros têm da violência no seu local de trabalho¹³.

A maioria dos enfermeiros informou que as notificações foram realizadas em impresso institucional para anotações sobre os atendimentos e no livro de ordens e ocorrências, instrumentos internos preenchidos pelas equipes de serviço. Especificamente, no cenário de estudo, os livros de ordens e ocorrências são lidos somente pelos colegas de trabalho que compõe a equipe da ambulância e os impressos institucionais para anotações sobre os atendimentos arquivados em setores destinados a este fim, quinzenalmente. Diferentemente de dados apresentados por pesquisa realizada no Paraná – Brasil, com registro dos atos violentos sofridos por enfermeiros em delegacias através de Boletim de Ocorrência¹⁹.

A forma de registro adotada impede a disseminação da informação, notoriedade dos casos e conhecimento do ocorrido pelos gestores e autoridades competentes e pode ser a causa para a baixa prevalência de apoio institucional e assistência médica ou psicológica após o sofrimento de violência no trabalho

Sabe-se que, falar sobre as formas de violência sofridas no trabalho pode não ser fácil, pois em algumas situações os agressores são colegas de profissão, gestores ou

superiores, mantendo-se então o silêncio⁸ pelo receio de represárias, perseguição ou punição.

Os resultados encontrados neste estudo causam inquietude frente ao número de enfermeiros, que no exercício da sua função, são violentados e não recebem apoio institucional, físico e/ou emocional. Acredita-se ser fundamental a estruturação de um ambiente de trabalho seguro, com condições favoráveis para a prestação de serviço à população e manutenção da saúde dos trabalhadores do APH, com o mínimo de riscos e exposições.

Por ter sido realizado somente com trabalhadores das bases de APH do município do Rio de Janeiro, os resultados devem ser tratados com certa cautela porque podem não representar a realidade vivenciada por profissionais de outras localidades e instituições. Pelo fato de o estudo contemplar perguntas relacionadas a um período de 12 meses, as respostas dos participantes podem apresentar viés de memória. E por fim, os incidentes violentos e suas características não foram testados estatisticamente para verificação de significância.

Este estudo contribui para divulgar que os enfermeiros do APH sofrem violência no trabalho, potencializando reflexões sobre a segurança do trabalhador, necessidade de criação de espaços para registro e discussão das ocorrências e tratamento especializado aos profissionais expostos.

CONCLUSÃO

Este estudo identificou os tipos de violência sofridos pelos enfermeiros do APH. Trabalhadores expostos a violências físicas, abusos verbais e assédios sexuais durante suas atividades laborais, presentes em diversos cenários de cuidar, desde vias públicas até o interior das ambulâncias.

Como principais autores da violência, destacaram-se os pacientes, familiares dos pacientes e público em geral. A subnotificação dos casos de violência pelas vítimas foi uma problemática identificada, bem como, a falta de apoio institucional, médico e psicológico aos vitimizados pela violência no ambiente de trabalho.

Mediante ao exposto, constatou-se que a violência no APH é real e latente. Faz-se urgente a discussão sobre o fenômeno com a participação de gestores e profissionais para a elaboração de programas institucionais que reconheçam a periculosidade do trabalho pré-hospitalar e assegurem estratégias administrativas e ações para minimizar o risco de os trabalhadores sofrerem violência física, abuso verbal e assédio sexual. Assim como a sensibilização da sociedade, conselhos e sindicatos de classe e órgãos responsáveis voltados à saúde do trabalhador para proteção contra a violência e promoção de um ambiente laboral saudável.

Contribuição dos autores:

ACSS, WCAM e NMAF, concepção, desenho, análise e interpretação dos dados, revisão crítica, revisão final. PSS,

JPP, STCA, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica. TT, RCSG, redação do artigo, revisão crítica, revisão final.

REFERÊNCIAS

- Pereira CA, Borgato MH, Colíchi RM, Bocchi SC. Estratégias institucionais de prevenção à violência no trabalho da enfermagem: revisão integrativa. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2019 [citado 2020 Fev 10];72(4):1109-17. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000401052&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Scaramal DA, Haddad MC, Garanhaní ML, Nunes EF, Galdino MJ, Pissinatti PS. Violência física ocupacional em serviços de urgência e emergência hospitalares: percepções de trabalhadores de enfermagem. *REME Rev Min Enferm* [Internet]. 2017 [citado 2020 Fev 28];21:e-1024. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/remeg.org.br/pdf/e1024.pdf>
- Malvestio AA, Behringer LP, Martuchi SD, Fonseca MA, Silva L, Souza EF, et al. Enfermagem em práticas avançadas no atendimento pré-hospitalar: oportunidade de ampliação do acesso no Brasil. *Enferm Foco* [Internet]. 2019 [citado 2020 Mar 21];10(6):157-64. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2594/666>
- Dornelles C, Novack BC, Silva JR, Amestoy SC. As dificuldades vivenciadas pelos profissionais de enfermagem no atendimento pré-hospitalar. *Rev Gest Saúde* [Internet]. 2017 [citado 2020 Abr 20];8(3):453-67. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/10319>
- Sé AC, Silva TA, Figueiredo NM. Ambientes do cuidar e a síndrome de burnout: um estudo com enfermeiros do pré-hospitalar. *Rev Baiana Enferm* [Internet]. 2017 [citado 2020 Mar 15];31(3):e17931. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/17931/15034>
- Tsukamoto SA, Galdino MJ, Robazzi ML, Ribeiro RP, Soares MH, Haddad MC, et al. Violência ocupacional na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2019 [citado 2020 Jun 10];32(4):425-32. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002019000400425
- Sun P, Zhang X, Sun Y, Ma H, Jiao M, Xing K, et al. Workplace violence against health care workers in north Chinese hospitals: a cross-sectional survey. *Int J Environ Res Health Public* [Internet]. 2017 [cited 2020 Jun 5];14(1):96. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5295346/>
- Fernandes AS, Sá L. Riscos psicossociais dos profissionais de socorro: a violência em contexto pré-hospitalar. *Rev Enferm Referência* [Internet]. 2019 [citado 2020 Fev 15];4(21):131-42. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832019000200013
- Angelim RC, Rocha GS. Produção científica acerca das condições de trabalho da enfermagem em serviços de urgência e emergência. *Rev Pesqui Cuid Fundam Online* [Internet]. 2016 [citado 2020 Fev 25];8(1):3845-59. Disponível em: <http://www.index-f.com/pesquisa/2016/r83845.php>
- Speroni KG, Fitch T, Dawson E, Dugan L, Atherton M. Incidence and cost of nurse workplace violence perpetrated by hospital patients or patient visitors. *J Emerg Nurs* [Internet]. 2014 [cited 2020 Mar 2];40(3):218-28. Available from: <https://www.dir.ca.gov/OSHSB/documents/Workplace-Violence-Prevention-in-Health-Care-IncidenceCostNurseWorkplaceViolence.pdf>
- Paravic-Klijn T, Burgos-Moreno M. Prevalencia de violencia fisica, abuso verbal y factores asociados en trabajadores/as de servicios de emergencia en establecimientos de salud públicos y privados. *Rev Med Chile* [Internet]. 2018 [citado 2020 Mar 8];146(6):727-36. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-98872018000600727
- Chagoyen Barroso T. Violencia laboral externa en el ámbito de urgencias generales del hospital Universitario Virgen del Rocío de Sevilla. *Med Segur Trab* [Internet]. 2016 [citado 2020 Mar 18];62(242):25-48. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0465-546X2016000100005
- Najafi F, Fallahi-Khoshknab M, Ahmadi F, Dalvandi A, Rahgozar M, et al. Human dignity and professional reputation under threat: Iranian Nurses' experiences of workplace violence. *Nurs Health Sci* [Internet]. 2017 [cited 2020 Apr 19];19(1):44-50. Available from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/nhs.12297>
- Bordignon M, Monteiro MI. Validade aparente de um questionário para avaliação da violência no trabalho. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2015 [citado 2020 Mar 19];28(6):601-8. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-21002015000600601&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Terzoni S, Ferrara P, Cornelli R, Ricci C, Oggioni C, Destrebecq A. Violence and unsafety in a major Italian hospital: experience and perceptions of health care workers. *Med Lav* [Internet]. 2015 [cited 2020 Mar 9];106(6):403-11. Available from: <https://www.mattioli1885journals.com/index.php/lamedicinadellavoro/article/view/4659/3653>
- Wang PY, Fang PH, Wu CL, Hsu HC, Lin CH. Workplace violence in Asian Emergency Medical Services: a pilot study. *Int J Environ Res Health Public* [Internet]. 2019 [cited 2020 Mar 19];16(20):3936. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6843119/>
- Rodríguez Campo VA, Paravic Klijn TM, Rubilar UD. Percepción de violencia física y factores asociados en profesionales y técnicos paramédicos en la atención prehospitalaria. *Index Enferm* [Internet]. 2015 [citado 2020 Abr 11];24(1-2):10-4. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962015000100003
- Almeida RB, Álvares AC. Assistência de enfermagem no serviço móvel de urgência (SAMU): revisão de literatura. *Rev Inic Cient Ext* [Internet]. 2019 [citado 2020 Abr 15];2(4):196-207. Disponível em: <https://revistasfacesenaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/256>
- Oliveira CS, Martins JT, Galdino M.J, Perfeito RR. Violence at work in emergency care units: nurses experiences. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 20];28:e3323. Available from: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v28/pt_0104-1169-rlae-28-e3323.pdf
- Hassankhani H, Parizad N, Gacki-Smith J, Rahmani A, Mohammadi E. The consequences of violence against nurses working in the emergency department: a qualitative study. *Int Emerg Nurs*. 2018;39:20-5.
- Boafo IM. The effects of workplace respect and violence on nurses job satisfaction in Ghana: a cross-sectional survey. *Hum Resour Health* [Internet]. 2018 [cited 2020 Apr 15];16:6. Available from: <https://human-resources-health.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12960-018-0269-9>

22. Dal Pai D, Sturbelle IC, Santos C, Tavares JP, Lautert L. Violência física e psicológica perpetrada no trabalho em saúde. *Texto Contexto - Enferm* [Internet]. 2018 [citado 2020 Abr 25];27(1):e2420016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n1/0104-0707-tce-27-01-e2420016.pdf>
23. Kaeser D, Guerra R, Keidar O, Lanz U, Moses M, Kobel C, et al. Verbal and non-verbal aggression in a swiss university emergency room: a descriptive study. *Int J Environ Res Public Health* [Internet]. 2018 [cited 2020 Mar 11];15(7):1423. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6069438/>
24. Miranda FS, Garcia DF, Barreto MR. Situação constrangedora envolvendo profissionais das unidades básicas de saúde do município de Porto Velho/Rondônia. *Enferm Foco* [Internet]. 2011 [citado 2020 Mar 08];2 Supl:94-7. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/92>
25. Albashtawy M, Al-Azzam M, Rawashda A, Batiha AM, Bashaireh I, Sulaiman M. Workplace violence toward emergency department staff in Jordanian hospitals: a cross-sectional study. *J Nurs Res* [Internet]. 2015 [cited 2020 Mar 18];23(1):75-81. Available from: https://journals.lww.com/jnr-twna/Fulltext/2015/03000/Workplace_Violence_Toward_Emergency_Department.12.aspx
26. Rodríguez Campo VA, Paravic Kljtn TM. Verbal abuse and mobbing in pre-hospital care services, Chile. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2017 [cited 2020 Jun 11];25:e2956. Available from: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692017000100413&script=sci_arttext&tlng=pt
27. Sisawo EJ, Ouédraogo SY, Huang SL. Workplace violence against nurses in the Gambia: mixed methods design. *BMC Health Serv Res* [Internet]. 2017 [cited 2020 May 11];17(1):311. Available from: <https://bmchealthservres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12913-017-2258-4>
28. Viottini E, Politano G, Fornero G, Pavanelli PL, Borelli P, Bonaudo M, et al. Determinants of aggression against all health care workers in a large-sized university hospital. *BMC Health Serv Res* [Internet]. 2020 [cited 2020 Mar 1];20(1):215. Available from: <https://bmchealthservres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12913-020-05084-x>
29. Schablon A, Wendeler D, Kozak A, Nienhaus A, Steinke S. Prevalence and consequences of aggression and violence towards nursing and care staff in Germany - A survey. *Int J Environ Res Public Health* [Internet]. 2018 [cited 2020 Jun 8];15(6):1274. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6025092/>
30. Bordignon M, Monteiro MI. Predictors of nursing worker's intention to leave the work unit, health institution and profession. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2019 [cited 2020 Jun 2];27:e3219. Available from: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692019000100400&script=sci_arttext
31. Worm FA, Pinto MA, Schiavenato D, Ascari RA, Trindade LL, Silva OM. Risco de adoecimento dos profissionais de enfermagem no trabalho em atendimento móvel de urgência. *Rev Cuid* [Internet]. 2016 [citado 2020 Abr 2];7(2):1288-96. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2216-09732016000200006&script=sci_abstract&tlng=pt
32. Machado MH, coordenadora. Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil: Relatório Final. Rio de Janeiro: Nerhus-Daps-Ensp/Fiocruz; 2017.